Abrinq, 1992.

Goleman, D. (2012). Inteligência emocional (M. Santarrita, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Objetiva.

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

IMBERNÓN, F. Formação Continuada de Professores. Tradução: Juliana dos Santos Padilha. – Porto Alegre: Artmed, 2010.

KISHIMOTO, Tizuko Mochila. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez, 2010.

MALUF, Ângela Cristina Munhoz, Atividades lúdicas para a educação infantil: Conceitos, orientações e práticas. 1ªed.. Petrópolis: Vozes,2008

MALUF, Ângela Cristina Munhoz. Brincar prazer e aprendizado. Rio de Janeiro: Vozes, 4ª ed., 2003. Disponível em < ://www.webserver.falnatal.com.br/revista Acessado em 25 de fevereiro de 2017.

MACARINI, Z. M.; Mello, A. M.; Vitória, T.; Rossetti-Ferreira, M, C. Creches: Crianças faz de conta e cia. .3 ed. Rio de Janeiro :Vozes, 1994.

MOYLES, J. Só brincar? O papel do brincar na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MUSSEN; Conger; Kagan; Huston. Desenvolvimento e personalidade da criança. Editora HARBRA LTDA. São Paulo 2001.

SANTOS, Santa Marli P. dos (org.). Brinquedo e Infância: um guia para pais e educadores. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

PEREIRA, J. H. do V.; CINTRA, R. C. G. G. Educação Infantil, Cidadania e Educação Inclusiva. Cuiabá: Edufmt, 2008. 92 p.

PIAGET, J. A psicologia da criança. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 1998.

. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho imagem e representação. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 1990

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. SP, Martins Fontes1989.

. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

. Pensamento e Linguagem. SP, Martins Fontes 1987.

AS EMOÇÕES DENTRO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NAS ESFERAS SOCIAL E ESCOLAR

O DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL AO LONGO DA VIDA

ANDREA DE JESUS PASSOS

RESUMO

O tema do presente trabalho consiste em proporcionar uma reflexão sobre a importância fundamental das emoções dentro do processo de aprendizagem social e escolar. As emoções interferem nas ações cotidianamente, facilitando ou dificultando o aprendizado, sendo necessário o conhecimento das fases de desenvolvimento emocional, por parte dos profissionais da educação como agente facilitador do processo socializador nas diferentes esferas sociais.

PALAVRAS-CHAVES: Interferência; Emoção; Aprendizagem; Família; Escola.

ABSTRACT

The theme of this work is to provide a reflection on the fundamental importance of emotions within the social and school learning process. Emotions interfere with actions on a daily basis, facilitating or hindering learning, and education professionals need to know the phases of emotional development, as a facilitator of the socializing process in different social spheres.

KEYWORDS: Interference; Emotion; Learning; Family; School.

INTRODUÇÃO

As emoções fazem parte da evolução da espécie humana. O cérebro integra inúmeros e complexos processos neuronais de produção e de regulação das respostas emocionais. As emoções dão sentido à vida humana referente à adaptação e aprendizagem, o sujeito fornece informações de enorme relevância para as interações sociais. Essas interações são fenomenológicas porque são subjetivamente experienciadas e vivenciadas.

Nas últimas décadas, o estudo das emoções vem sendo intensificado por profissionais de diversas áreas do conhecimento científico, configurando-se como um fator relevante para o processo de desenvolvimento humano. Para diferentes autores da Pedagogia, Psicopedagogia, Neurociência e da Psicologia, as emoções são abrangentes e envolvem aspectos comportamentais positivos e negativos, conscientes e inconscientes. Devido a sua complexidade e abrangência, as emoções também podem receber diferentes expressões, como afetividade, inteligência interpessoal, inteligência emocional, cognição social, motivação, temperamento e personalidade do indivíduo. Desta forma, não importa a nomenclatura utilizada, mas a forma como as emoções serão desenvolvidas e ampliadas no processo de aprendizagem e principalmente nas interações sociais ao longo da vida.

O presente trabalho tem como objetivo auxiliar na compreensão das emoções dentro do processo de desenvolvimento humano refletindo sobre os sentimentos, buscando compreender a importância da empatia.

Desse modo, os fundamentos de GOLEMAN (1995, p. 20) afirmam que:

"... todas as emoções são, em essência, impulsos para lidar com a vida que a evolução nos infundiu."

A partir dessa proposição, acredita-se que as emoções funcionam como um sinalizador interno de que algo importante está acontecendo, ou seja, diante das diferentes fases e mudanças ocorridas pelo modelo social vigente, a educação, mais precisamente a escolar, também necessita passar por transformações nos processos de ensino para garantir a aprendizagem significativa e atender as necessidades da sociedade.

Desenvolvimento psicossocial

Os seres humanos possuem uma tendência para viver socialmente, fazendo parte de uma comunidade organizada com leis e costumes próprios. Cada sujeito se sente pertencente à vários subgrupos sociais (família, grupo profissional, religioso, regional,

etc.) que se organizam em culturas mais amplas (países, Ocidente, etc.).

No processo de formação da personalidade da criança vai-se desenvolver também aquele aspecto do eu que dá a sensação de pertencimento há um grupo, que faz com que o sujeito se sinta ao mesmo tempo igual a todos os outros indivíduos do grupo e ao mesmo tempo diferente de todos eles.

Em cada fase do ciclo vital existe uma crise psicossocial associada ao crescimento orgânico relacionado à infância, as etapas da maturidade e envelhecimento na idade adulta, ou seja, há uma necessidade de ajustamento pessoal às solicitações do ambiente social.

Para PIAGET (1992, p.12):

"O homem normal não é sociável da mesma maneira aos seis meses ou aos vinte anos de idade, e, por conseguinte, sua individualidade não pode ser da mesma qualidade nesses dois diferentes níveis".

De acordo com PIAGET, "o ser social" de mais alto nível é justamente aquele que consegue relacionar-se com seus semelhantes de forma equilibrada. Esse autor acredita que existem vários graus de socialização, partindo do "grau zero" (recém- nascido) para o grau máximo representado pelo conceito de personalidade.

A evolução psicossocial passa por diferenças de qualidade das trocas intelectuais, podendo o indivíduo mais evoluído usufruir plenamente tanto de sua autonomia quanto dos aportes do que outro. Assim, cada sujeito apreende de diferentes formas as normas, entre outros códigos sociais presentes na cultura, ou seja, a autonomia social significa ser capaz de se situar consciente e competentemente na rede de diversos pontos de vista e conflitos presentes numa sociedade. Estas diversas possibilidades definem as qualidades diferenciadas do "ser social" e acompanham cada etapa do desenvolvimento cognitivo.

O desenvolvimento da capacidade de percepção dos sentimentos está relacionado com a capacidade do sujeito perceber as emoções e sugestões dos outros através do desenvolvimento do sentimento de empatia. A empatia envolve dois aspectos: perceber o estado e condição emocional de uma pessoa e compartilhar esse estado emocional. O sujeito empático vivencia o mesmo sentimento que ela imagina que o outro sente, ou um sentimento congruente. A simpatia envolve a mesma percepção do estado emocional do outro, mas não é acompanhada por uma emoção igual, e sim por um sentimento de pesar ou preocupação em relação ao outro. De modo geral, a empatia parece ser a resposta mais precoce em termos desenvolvimentais, e entre as crianças mais velhas e os adultos, a simpatia geralmente parece resultar de uma resposta inicial empática.

Para HOFFMAN (BEE, 1995, p. 347) os processos de empatia ocorrem em quatro estágios:

- Estagio 1: Empatia global – esse comportamento é observado no primeiro ano de vida. Parece ser um tipo de resposta de pesar empático automático. Se o bebê está perto de alguém expressando uma forte emoção, ele pode compartilhar essa emoção, assim como começar a chorar se ouve outro bebê chorar.

- Estagio 2: Empatia egocêntrica – Começando entre 12 e 18 meses, quando a criança já tem um senso bastante claro de ser alguém separado, ela responde ao pesar

de outro com um certo pesar próprio, mas pode tentar "resolver" o problema do outro oferecendo aquilo que considera mais confortador, tal como oferecer um de seus pertences à pessoa ou criança que está triste. Ela pode, por exemplo, demonstrar tristeza quando vê outra criança se machucar, dar o seu brinquedo como forma de consolo, ou no caso de si próprio procurar a própria mãe em busca de consolo.

- Estagio 3: Empatia pelos sentimentos dos outros – Começando por volta dos 2 ou 3 anos, e continuando através do processo de escolarização, as crianças percebem os sentimentos dos outros, compartilham parcialmente esses sentimentos, e respondem ao pesar do outro de maneira não egocêntrica. Com o passar desses anos, as crianças distinguem cada vez melhor uma gama mais ampla (e mais sutil) de emoções.

- Estagio 4: Empatia pela condição de vida de outra pessoa – No final da infância ou na adolescência algumas crianças desenvolvem uma noção mais generalizada dos sentimentos dos outros, e respondem não apenas à situação imediata, mas à situação geral do outro indivíduo. Assim, as crianças neste nível podem ficar mais pesarosas pela tristeza de outra pessoa se sabem que essa tristeza é crônica, ou se sabem que a situação geral da pessoa é particularmente trágica, do que se a veem como uma situação passageira.

Nem todas as crianças apresentam uma quantidade igual de respostas empáticas, pois essas situações apresentam origens diferentes, são referentes aos processos de apego seguro e de respostas empáticas de outras pessoas que se encontram na posição de cuidadores (pais e responsáveis) e orientadores (professores e representantes de outros segmentos sociais que a criança pertence).

A família.

A família é sem dúvida o principal agente socializador. A palavra família não designa uma instituição padrão, fixa e invariável. Através dos tempos, a família adota formas e mecanismos diversos. Na atualidade, coexistem no gênero humano tipos de famílias constituídos sobre princípios morais e psicológicos diferentes e ainda contraditórios e inconciliáveis.

A estrutura familiar varia, portanto, enormemente, conforme a localização geográfica, as diferentes épocas históricas e os fatores sócio-político, econômicos ou religiosos prevalentes num dado momento da evolução e de determinada cultura.

Segundo PICHON – RIVIÈRE citado em OSORIO (1997, p.50):

"A família proporciona o marco adequado para a definição e conservação das diferenças humanas, dando forma objetiva aos papeis distintos, mas mutuamente vinculados, do pai, da mãe e dos filhos, que constituem os papéis básicos em todas as culturas".

Os pais têm a responsabilidade de fazer com que seus filhos desenvolvam características de personalidade e de comportamento que sejam adequadas aos vários subgrupos culturais aos quais pertencem. Desta forma, o tipo de ambiente familiar, o tipo de práticas de criação infantil resulta em maior ou menor competência da criança em enfrentar diversas situações, bem como em sentimentos positivos ou negativos para consigo mesma (em termos de autoconceito). Assim, as crianças mais saudáveis psicologicamente são aquelas que os pais adotam

práticas disciplinares consideradas democráticas. Isto é, usam explicação e reforço positivo com atitudes predominantes, evitam os castigos físicos, solicitam a participação da criança em decisões familiares que lhe dizem respeito (atividades escolares, esportivas ou de lazer, por exemplo), procuram fazer com que seus filhos se tornem competentes e independentes, levando em consideração a idade da criança, seu sexo, habilidades, etc.

Já no caso de pais autoritários que frequentemente usam a punição (algumas vezes até espancamentos violentos), impondo aos filhos seus próprios pontos de vista sem qualquer explicação, embora possam deferir no grau de afeto dedicado à criança, podem desenvolver atitudes que favoreçam a adaptação social (principalmente pelo conformismo), mas não uma personalidade feliz, com possibilidade de ampla realização pessoal (embora possam ter sucesso profissional ou social).

Pais permissivos, inconsistentes, desorganizados (em termos de suas atividades pessoais ou da rotina doméstica) tendem a fazer com que os filhos sejam imaturos, inseguros e com baixa autoestima. Em geral, estes pais são eles mesmos imaturos e inseguros, e seus filhos são os que possuem maior dificuldade de adaptação social e realização pessoal.

Embora seja fácil reconhecer que o ideal é uma atmosfera doméstica democrática, não é tão fácil chegar a ela, especialmente em nossa cultura, onde apenas recentemente abandonamos um padrão familiar rigidamente patriarcal. Tem notado na maioria das vezes são tentativas de se criar esta atmosfera democrática gerando conflitos em pais que sofreram uma educação autoritária e repressiva.

A escola.

A escola é um dos principais instrumentos de formação do conhecimento bem como o espaço onde se processa a educação formal. É na escola que se constrói parte da identidade de se pertencer a um grupo da sociedade; nela se adquire os modelos de aprendizagem, a aquisição e incorporação de princípios morais e éticos que regem uma sociedade.

Cada escola apresenta sua própria função social, exercendo um papel importante na consolidação do processo de socialização dos alunos. Dentro de uma realidade construída, dotada de regras estabelecidas, as crianças trocam experiências umas com as outras. Experiências estas que lhes permitem aprender, somar conhecimentos e, consequentemente, desenvolverem aspectos cognitivos e interpessoais.

O intervalo entre as aulas, por exemplo, representa um aspecto especial na rotina escolar. Muitas vezes, trata-se do único momento em que os alunos podem fazer opções como e com quem conversar; de quem se aproximar, onde e como brincar, ou seja, a educação pode também ser compreendida além da sua esfera de estimulação cognitiva, como um processo social. Ela contribui para formar uma sociedade crítica, democrática, planejada, mantida pelos próprios indivíduos que a compõem. O processo de aprendizagem não se configura nem se define como uma estrutura fechada, pois é uma estrutura dinâmica, ou seja, inscreve na transmissão dinâmica da cultura.

O ser humano é essencialmente gregário. Por essa razão haverá uma busca natural das pessoas entre si, com a inevitável formação espontânea dos mais distintos ti-

pos de grupos. O comportamento assertivo e as emoções envolvidas nele permitem ao sujeito resolver a pressão dos impulsos e resolver os demais, levando a satisfações, permitindo intercalar a necessidade e o desejo.

A criança necessita de ações equilibradas entre as condutas disciplinares, diálogo, compreensão e carinho. Formar alunos não significa torna-los cidadãos perfeitos, mas torná-los aptos para a vida. Desta forma, as emoções têm vital importância no processo de desenvolvimento do ser humano.

A aprendizagem social através de grupos.

O início da adolescência é um período de transição, uma época que existem mudanças significativas em todos os aspectos tanto nas questões físicas quanto nas questões emocionais. Nesta fase da vida, o adolescente está assimilando uma enorme quantidade de experiências físicas, sociais e intelectuais novas. Enquanto esta absorção está acontecendo, o jovem fica mais ou menos num perpétuo estado de desiquilíbrio. Os antigos padrões e esquemas já não estão funcionando muito bem, e os novos não estão ainda estabelecidos. É durante este período inicial que o grupo de companheiros é centralmente importante.

O grupo funciona como um objeto e um espaço transicional, ou seja, ele permite a saudável criação de uma zona imaginária onde ainda existe uma mescla do real com um forte sentimento de ilusão e magia onipotente. A diferença é que, nos grupos saudáveis, essa onipotência é transitória, e nas gangues, permanece mais intensa e permanente. Desta forma, os grupos propiciam a formação de uma nova identidade, intermediária, entre a família e a sociedade, com a assunção e o exercício de novos papéis.

A tendência de formação de grupos está relacionada ao fato de que o sujeito se sente menos exposto à críticas diretas, discriminam os adultos, confiam mais nos valores dos pares, diluem os sentimentos de vergonha, medo, culpa e inferioridade quando convivem com outros iguais a eles; reasseguram a autoestima através da imagem que os outros lhe remetem.

Para OSORIO (1997) é necessário discriminar os três tipos básicos de grupos formados espontaneamente: os normais, os drogativos e os delinquentes.

Os grupos normais assumem a característica que correspondem à sua faixa etária. Assim prevalece a linguagem corporal e verbal do tipo contestatório e a não verbal através de atuação nas condutas e atitudes.

O adolescente está ancorado na fantasia de que a “união faz a força”, e com isso ele se sente mais forte e mais potente. Ao mesmo tempo, a turma possibilita que cada um reconheça e seja reconhecido pelos outros, como alguém que, de fato, existe como um indivíduo e que tem um espaço próprio.

A turma ou o grupo normal propicia o fortalecimento da identidade sexual ainda não definida. É fácil entender que a “Turma do Bolinha”, cujo lema é o de “meninas não entram”, tem contraparte na “Turma da Luluzinha”. Ambos os grupos atestam não uma homossexualidade latente que um juízo mais apressado poderia pressupor, mas, sim, uma forma de fugir do sexo oposto. Essa fuga tanto serve para marcar enfaticamente as diferenças entre os gêneros sexuais, e assim consolidar sua identidade sexual, como também para proteger-se dos riscos inerentes às

recentes e temidas fantasias ligadas à reativação hormonal-libidinal.

Nos grupos drogativos, pode estar acontecendo que se trate de um grupo normal, no qual a droga está servindo como uma espécie de elo no que se refere a coragem e de valores na atualidade. Neste caso, as drogas estariam desempenhando o mesmo papel que a proibição rigorosa representou para as gerações mais antigas.

As gangues formam o tipo de grupo destrutivo. Nesta formação o grupo delinquente representa um grito de desespero e de protesto contra uma sociedade que não só não os entende, como ainda desampara, humilha, mente, corrompe e degrada. Nesta busca desesperada por uma libertação, forma-se um grande paradoxo, porquanto a organização da gangue segue um rígido código de lealdade aos seus valores que acaba ele próprio por se constituir num novo cativeiro. Os sentimentos de ódio, inveja destrutiva e ímpetos de vingança cruel não são exclusivos de classes e de pessoas economicamente carentes. A carência mais profunda seria mais do que aquela unicamente econômica e diz respeito às privações de ordem afetiva e do caos emocional de certas famílias.

Nos grupos delinquentes outra causa explicativa da empáfia arrogante e onipotente que caracteriza cada um dos indivíduos que pertence à gangue consiste no fato de que, muito reforçada pela antes aludida ideia de que a união faz a força, exacerba-se uma sensação de onipotência e prepotência. O sujeito necessita recorrer ao recurso magico da onipotência como forma de fugir da depressão subjacente, do reconhecimento da sua fragilidade e da dependência dos outros. Da mesma forma o grupo favorece a diluição do fardo de responsabilidades e de culpas de cada um, separadamente, em relação aos danos causados aos outros.

O que diferencia a existência de uma turma normal para uma gangue delinquente é que na primeira, além de uma busca sadia para emancipação, prevalecem sentimentos amorosos, ainda que sejam camuflados por uma capa de onipotência e de pseudo-agressão. A turma se dissolve ao natural, porquanto os seus componentes crescem, tomam diferentes caminhos na vida e buscam maior equilíbrio e estabilidade financeira e emocional.

É diferente das gangues; neste caso, há predominância dos sentimentos de ódio e vingança, com a ausência manifesta de sentimentos de culpa e de intentos reparatórios, uma vez que estão ancorados na idealização de sua destrutividade. Em caso de dissolução da gangue, os membros seguem a mesma trilha de delinquência ao longo da vida, tanto porque os conflitos socioeconômicos estão continuamente reforçando e justificando a violência como porque o processo de separação entre eles não foi devido a um processo natural de crescimento, mas sim, pelo fato de que, cada um dos membros vai reproduzindo nas gerações vindouras. Por essa razão, é dificílima a solução do complexo problema de conter a violência provinda de gangues organizadas em torno de líderes que fazem da crueldade o seu ideal de vida.

A estrutura básica de cada adolescente, por sua vez, depende fundamentalmente de como foi e como continua sendo forjado na sua família nuclear. É muito comum encontrar uma incoerência entre o que os pais dizem e fazem, e o que, de fato, eles são.